

# O Clube de Paris estuda o Brasil *Linda Externa*

por Mário de Almeida  
de Paris  
(Continuação da 1ª página)

para repasses a partir de 1983 — mais do dobro do que tinha até então: cerca de US\$ 8 bilhões.

O FMI terá de sustentar os movimentos da maré mundial de pagamentos pelo menos até 1987 com esses recursos. O dinheiro não é pouco, mas a demora na integralização o obriga a em prestar no curto prazo para cobrir os contratos em curso. A reunião de amanhã, em Paris, pode oferecer a resposta para essa difícil-

14 SET 1983

dade contábil do Fundo. Se não houver compromisso, a decisão ficará para a véspera da assembléia geral, que começa no dia 27 de setembro, em Washington, no que também já se transformou num jantar ritual dos ministros de finanças dos países verdadeiramente fortes: Estados Unidos, Japão, Alemanha Ocidental, Inglaterra e França. A duas semanas do desfecho desse mistério contábil, há uma forte impressão de que o balancete deficitário do FMI será o verdadeiro prato de resistência no jantar dos cinco grandes.

GAZETA MERCANTIL

# O Clube de Paris estuda o Brasil *Linda Externa*

por Mário de Almeida  
de Paris

A renegociação da dívida brasileira com os governos ou bancos oficiais dos países industrializados começa hoje, em Paris. O primeiro encontro deveria servir teoricamente para consolidar as faturas dos dezesseis credores, permitindo-lhes construir uma proposta de acordo com o tamanho do problema.

Esse ritual é, no entanto, supérfluo. O Brasil sabe quanto deve — US\$ 2 bilhões entre juros e amortizações no período que vai de junho de 1983 a dezembro de 1984, as datas escolhidas para delimitar essa primeira operação de refinanciamento.

Também os governos credores não pretendem mudar as condições financeiras da prorrogação. O Brasil pede oito anos de prazo com três de carência, enquanto o Clube de Paris pretende reafirmar as cláusulas do seu contrato-padrão nos últimos meses: cinco anos e meio de prazo, com dois e meio de carência.

A presença dos representantes dos ministérios de Finanças dos países ricos

em Paris neste momento deve-se menos ao caso brasileiro do que a uma reunião decisiva do chamado Grupo dos Dez, o centro de decisões políticas do (FMI). Como fazem a cada ano, na véspera da assembléia geral do Fundo, os vice-ministros dos países industrializados tratam de combinar o que efetivamente será aprovado durante a reunião deliberativa dos 146 países que participam do FMI.

Essa conversa será também em Paris, amanhã, e tratará da fórmula para cobrir o buraco no orçamento do Fundo para o primeiro semestre de 1984. A direção do FMI insistia, até julho passado, num reforço de caixa estimado em US\$ 8 bilhões. Agora, a cifra foi reduzida para US\$ 6 bilhões, a metade dos quais seria fornecida pelos bancos centrais dos países industrializados.

Na reunião mensal de diretoria do Banco para Compensações Internacionais (BIS, na sigla em inglês) segunda-feira passada, em Basileia, os bancos centrais que terão de dar o dinheiro na forma de um "bridging-loan" pediram mais tempo para acompa-

nhar a evolução do mercado.

O FMI terá um ingresso real de capitais durante o próximo triênio, pois a assembléia geral do ano passado aprovou o novo capital, de 91 bilhões de Direitos Especiais de Saque (DES), aproximadamente US\$ 97 bilhões, quase US\$ 30 bilhões acima do anterior. Essa importância será integralizada em três prestações anuais, a partir da ratificação da medida pelos países que efetivamente terão de desembolsar moeda conversível. O Congresso dos Estados Unidos, que vão entrar com US\$ 5 bilhões, ainda não aprovou a verba especial. Os sócios europeus do Fundo, Alemanha à frente, ensaiam portanto uma espécie de frente de pressão e de observação, evitando tomar compromissos enquanto Washington não der o sinal definitivo de que vai pagar a sua parte.

A outra grande rubrica do Tesouro do FMI, chamada General Arrangements to Borrow (GAB), também foi majorada no ano passado e terá o equivalente a US\$ 19 bilhões

GAZETA MERCANTIL

(Continua na página 10)